

# CONFLITOS E VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NUMA REGIÃO DE FRONTEIRA, CÁCERES/MT: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES

TIELLET, Maria do Horto Salles – UNEMAT  
[mariadohorto\\_tiellet@yahoo.com.br](mailto:mariadohorto_tiellet@yahoo.com.br)

Área Temática: Formação de Professores  
Agência Financiadora: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso

## Resumo

Propomo-nos a investigar quais são as motivações que inibem professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários de realizarem ações concretas de denúncia de violência que sofrem e exercem os alunos, e de superação das condutas violentas que ocorrem no interior da escola. Investigando o imaginário desses profissionais sobre a violência e levantando dados para o mapeamento da violência a que sofre e exerce os jovens em idade escolar na cidade de Cáceres/MT, pretendemos estabelecer elementos que possam servir de parâmetros a análise do imaginário.

**Palavras-chave:** Conflito; Violência no ambiente escolar; Juventude.

## Introdução

Pretendemos apresentar os dados da pesquisa “*Brincadeiras que humilham: manifestações de incivilidade*”, que nos instigaram a desenvolver nova pesquisa, tendo como foco a perspectiva do professor sobre o tema violência no ambiente escolar, na cidade de Cáceres/MT.

A violência é um tema que tem se destacado na mídia nacional, não mais restrita a determinada região ou a determinada cidade. As suas mais variadas formas atingem a malha social independente do porte da cidade, como demonstrou o estudo da Organização Ibero – Americana, que originou o “Mapa da Violência no Brasil”. A violência se interiorizou, como destaque, no Estado de Mato Grosso as cidades de Colniza e Juruena, como as campeãs da violência no país. A violência nesse início de milênio passou a fazer parte do nosso cotidiano independente da classe social a qual pertencemos ou do local onde moramos.

A violência hoje se apresenta como um problema social que aparece também no espaço escolar e vem sendo abordada sobre diversos ângulos: nas inter-relações dos atores na escola, na relação da escola com a comunidade, no processo ensino-aprendizagem, no

cotidiano ou no entorno da escola, na gestão, nas políticas públicas de educação e segurança, entre outros.

No município de Cáceres, localizado a oeste do Estado do Mato Grosso, a 210 quilômetros da capital, Cuiabá, e a 90 quilômetros da cidade boliviana de San Matias, os dados obtidos pela pesquisa “*Brincadeiras que humilham: manifestações de incivilidade*”, financiada pelo Fundo Institucional de Apoio e Desenvolvimento da Pesquisa e Extensão – FIDPEX, da Universidade do Estado de Mato Grosso- UNEMAT, constataram que os conflitos nas escolas públicas estaduais do município de Cáceres/MT se caracterizam por manifestações de incivilidade e violência física.

A pesquisa identificou, no recreio, algumas brincadeiras consensuais ou não, que ocorrem nas escolas públicas, que têm sido o estopim dos conflitos e da violência na escola: “Lutinha”, “Policinha”, “Corredor do Inferno”, “Passou Levou”. Essas brincadeiras reúnem jovens de várias idades e de ambos os sexo que agüentam ações agressivas por parte de seus colegas como forma de demonstrar o compartilhamento de práticas sociais e de comportamento e de pertencimento a determinado grupo. As brincadeiras têm provocado humilhação, constrangimento, medo, firmam líderes que se forjam pela violência, pela agressividade, e por serem, muitas vezes, fisicamente mais fortes.

No levantamento realizado na Delegacia Especializada do Adolescente - DEA de Cáceres, a pesquisa revelou que em 2004, uma sindicância de lesão corporal envolveu 14 alunos entre 11 e 15 anos que participaram, na hora do recreio, da brincadeira denominada “Corredor da morte” ou “Corredor do inferno”, vitimando um colega de 10 anos que declarou que colegas seus têm o “*costume de praticar fatos como esse com outros meninos menores*”. Nessa afirmação há indícios de que freqüentemente ocorrem tais atos, e o indicativo de que há indiferença por parte dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários, frente a essas manifestações, corroborada pela pesquisa realizada em 12 escolas públicas estaduais, onde se observou a ausência de professores, diretores, coordenadores pedagógicos ou funcionários, no espaço público destinado a recreação, local em que ocorrem, com grande freqüência, os conflitos entre os discentes.

Os atos de incivilidade ou violência física que ocorrem no interior da escola, estão sob a argumentação, da parte dos profissionais da educação, de que são “próprias da idade”. Entendemos que essa não pode ser a única explicação para a atitude de ausência e de indiferença dos profissionais da educação, frente às manifestações de incivilidade e de

violência no interior da escola.

A falta de iniciativa dos profissionais ligados à educação, em realizar ações concretas de denúncia à violência que sofrem e exercem os alunos, e de superação das condutas violentas que ocorrem no interior da escola instiga-nos a investigar quais são as motivações reais que impedem os professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários das escolas públicas estaduais do município de Cáceres, a terem uma participação mais efetiva na redução dos conflitos e no combate a violência. Porque os profissionais ligados à educação são tão reticentes, porque se calam, porque hesitam em ter uma ação mais eficaz de redução à violência no ambiente escolar? A localização do município, isto é, por ser Cáceres uma cidade de fronteira, seria essa uma das determinantes? Seria o medo uma das motivações? Ou seria a formação inadequada dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários em lidar e educar jovens que mostram conduta violenta e agressiva e de intervir nas variadas formas de violação dos direitos das crianças e dos adolescentes, leva-os a adotarem atitude de não envolvimento ou de eliminação do problema, com a expulsão do jovem da escola?

Pretendemos ao tratar do imaginário do professor a cerca da violência, contribuir com as discussões que se propõem a combater e a reduzir a violência no Estado de Mato Grosso. Nesse sentido dirigimos o olhar para os estabelecimentos públicos estaduais de ensino, focando a percepção dos profissionais ligados à educação (professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários) e as suas intervenções educativas nos conflitos e na violência que ocorre na escola.

A pesquisa “Brincadeiras que humilham: manifestação de incivilidade” nos forneceu elementos que orientam a investigação ora proposta. Constatando nos registros do Conselho Tutelar, entre 2004 e 2005, que foram vítimas 50.36% jovens em idade entre 11 a 15 anos, e na Delegacia Especializada do Adolescente(DEA), do total de jovens e adolescentes infratores, 57.17%, encontravam-se na faixa etária de 16 a 18 anos. Dados também demonstraram que 36.91% dos adolescentes infratores freqüentam, 39.26% abandonaram a escola, 21.09% nada declararam e 2.74% são analfabetos, e do total de infrações registradas, 4.68% aconteceram no interior da escola.

Do total de 320 registros de atos infracionais, 6.66% foram encaminhados pela escola, sendo que destes 37.5% ocorreram no entorno da escola e 62.5% no seu interior. Há ainda relatos de conflitos entre alunos(as) e profissionais ligados à educação (professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários), que deveriam ser considerados atos de

indisciplina ou de incivilidade, mas que foram objeto de procedimentos na DEA, destinados à apuração, como ato infracional.

Verificamos que os atos cometidos contra a criança e o adolescente passíveis de identificação e tipificados criminalmente como: agressão física, espancamento, abuso de autoridade que violam o direito de liberdade/ respeito/ dignidade; maus tratos e abandono material, intelectual e moral por pais e responsáveis, possibilitou demonstrativo de 874 registros, isto é, 65.56% do total, no período de 2004 -2005, correspondem a 1.333 registros.

Na DEA, os dados apontaram, em 320 sindicâncias disponibilizadas para estudo, de um total de 514, o envolvimento em média de dois adolescentes por ocorrência. Constatando-se que, em 15.34% das sindicâncias analisadas, a natureza dos atos infracionais cometidos foram: lesão corporal, agressão, tortura, briga e maus tratos; 28.27% de furtos; 13.49%; perturbação da ordem; embriagues; vandalismo e posse de entorpecente; 11.64% por porte de arma; disparo e ameaça; 10.05% de roubo; 3.17% de homicídio e tentativa de homicídio; 0.79% tráfico de drogas e 0,52% de acusação de estupro. Relacionado a estes atos infracionais 25.31% do total de adolescentes dizem ser dependentes químicos (maconha, pasta básica, cocaína), 5.69% são alcoólatras e 25.62% dizem não têm nenhum tipo de vício.

Os dados acima são os elementos sobre os quais pretendemos nos debruçar e refletir sobre o papel da escola e a atuação dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários e nos sinalizam para uma nova pesquisa. Os professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários ao se sentirem despreparados para lidar com as várias situações de conflito contribuem para o estabelecimento da “cultura de violência” e dificultam ações na perspectiva da não-violência. E ao tratarem os conflitos promovidos por crianças e adolescentes no interior da escola na perspectiva da ideologia da segurança, ao tratarem os conflitos como questões mais policiais, do que educacionais tornam frágeis às ações educacionais de combate e redução da violência.

### **Referencial teórico-metodológico**

Nenhum fator isolado explica a violência, mas uma combinação de fatores. Fatores esses que se constituem numa espécie de rede em que os nós conjugam determinantes ambientais, históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais e mesmo ocasionais da violência. Determinantes expressas através da aquiescência da sociedade no emprego da força

e da violência por parte do Estado, do mercado da violência explorado pelos filmes, programas de televisão, pela venda de vídeo games e principalmente pela impunidade penal. Mas somam-se ainda os mais sutis como: as ausências de políticas públicas para a saúde, para a moradia, para a segurança, para a oferta de emprego; ou o descaso das instituições públicas para com os idosos, os meninos de rua, os deficientes, os drogados, os sem teto, os sem terra.

Independente do tipo de violência e do nome dado às ações (homicídio, assalto, roubo, suicídio, genocídio, guerra, massacre, extermínio, terrorismo, estupro, tortura, agressão física, mutilação, humilhação, ameaça, intimidação, execuções sumárias), esse é um tema que tem provocado reflexões da humanidade e inquietado pensadores de todas as áreas.

O estudo que pretendemos realizar terá como suporte teórico, autores como Hannah Arent, Theodor W Adorno, Marcelo Perine e Jean-Marie Muller que realizam reflexões sobre a violência de perspectivas diferentes, mas que se complementam, e a partir deles nos aproximamos da compreensão desse fenômeno. Os trabalhos de Gilbert Durant e José Carlos P.Carvalho como suporte para a análise da percepção, do imaginário dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários. Os trabalhos de pesquisadores mato-grossenses como Icléia Rodrigues de L. e Gomes, Cleomar F. Gomes e Emília Darci de S. Cuyabano que investigam o imaginário dos atores que fazem parte da escola, estão sendo tomadas como referência, como também o estudo de Maria Cecília S.Teixeira que parte do pressuposto de que existe relação entre a consciência dos perigos, o imaginário do medo e a cultura da violência.

Para José Carlos Carvalho, a escola assume uma postura etnocêntrica, isto é, impõe uma cultura dominante, buscando eliminar a diferença. É por isso que, “a instituição escolar não pode ser vista apenas como reprodutora das experiências de opressão, de violência, de conflito, advindas do plano macroestrutural” [...] a escola também produz sua própria violência e sua própria indisciplina”(AQUINO, 1998, p.3) ao impor uma postura etnocêntrica e um “protótipo individual de suposta natureza humana padrão” (AQUINO,1998,p.3). O professor frente ao conflito, a violência e a ameaça do diferente poderá usar ações que objetivem neutralizar e/ou ações de afastamento, de exclusão, de expulsão do aluno considerado perigoso, indesejável.

Segundo estudos de Aída Maria Monteiro Silvia (2007,p.262) “para os professores, a violência se evidencia, de forma mais clara, na relação entre os alunos. Estes é que são violentos e geralmente os educadores não se percebem promovendo atitudes de violência para

com os alunos”.O que os impossibilita perceber que alguns conflitos e expressões violentas e agressivas de seus alunos podem ser, segundo Spósito(2001), formas de revide às agressões vividas no cotidiano escolar. Para Adorno (1995, p.119;134) a escola deve opor-se a indiferença do que acontece a nossa volta e a agressão aos mais fracos.

A estratégia a ser adotada para conhecer o imaginário dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários das instituições públicas estaduais de ensino, sobre os conflitos que ocorre no ambiente escolar; a percepção dos profissionais ligados à educação das instituições públicas estaduais de ensino na identificação dos alunos considerados violentos; a relação, as atitudes dos profissionais da educação das instituições de ensino públicas frente aos conflitos e a violência no ambiente escolar; a relação e as atitudes que os profissionais ligados à educação das instituições de ensino públicas têm com os jovens considerados violentos e também com as vítimas de violência e verificar se existe relação entre as atitudes dos profissionais ligados à educação de não se envolverem com os atos de violência sofridos ou exercidos pelos jovens em idade escolar e o aumento dos casos de violência. Estas informações serão obtidas através de entrevistas com professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários dos 12 estabelecimentos públicos estaduais de ensino do município de Cáceres, entrevistando 25% dos professores lotados em cada escola e os 12 diretores de escola.

A entrevista será do tipo semi-estruturada. Após a transcrição e a tabulação dos dados obtidos, a equipe terá o mapeamento epistemológico, educacional e cultural do imaginário dos professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários, não só, de cada escola, mas dos profissionais ligados à educação dos estabelecimentos de ensino públicos estaduais da cidade de Cáceres. E por fim organizar-se-á grupos focais em cada escola para socialização dos dados, facilitação das discussões de intervenção, propostas e atitudes para uma cultura de não-violência.

### **Resultados esperados.**

Esperamos que as informações sobre a violência sofrida e praticada pelo jovem mato-grossense e mais especificamente os jovens residentes no município de Cáceres, assim como o conhecimento, por parte dos professores, dos motivos que dominam as suas ações e os impedem a atitudes mais efetivas de combate e de redução da violência no interior da escola,

contribuam para que a escola e até mesmo instâncias governamentais ligadas à educação no Mato Grosso, discutam sobre o papel e a contribuição da escola, e da educação para uma cultura da não-violência. E também propiciem o desenvolvimento de ações, projetos que objetivem inibir manifestações de violência e promovam o diálogo no interior na escola, atendendo ao chamamento a paz e a não-violência, da Assembléia Geral das Nações Unidas, proclamado em novembro de 1998. O período de 2001 a 2010 foi dedicado a Década Internacional para uma cultura de Paz e não-violência para as crianças do mundo, através da Resolução 53/25 que reconhece o papel da educação na construção de uma cultura de paz e não-violência, abordando e transmitindo as crianças e adolescentes o respeito pelo outro, a dignidade e os valores democráticos.

### **Considerações Finais**

Para o desenvolvimento de uma nova racionalidade que supere o individualismo, que supere a ética do interesse, do lucro, do consumo, que supere a crise da racionalidade e que possa responder as principais questões colocadas pela civilização atual, que refaça o caminho de uma ética universal superando a fragmentação e a pluralidade de éticas particulares que ameaçam o futuro da humanidade, a escola tem uma importância enorme, a ela é colocada uma perspectiva de redefinição do seu papel civilizatório.

A existência no espaço escolar de problemas sociais como a violência, assim como a discriminação, a intolerância, o preconceito, entram em contradição com a sua função social. Problemas de comportamento, indisciplina, incivilidade e até mesmo a violência são tomados como forma alienígena ao contexto escolar, tratados como questões policiais, psicológicas ou familiares e não como questões educacionais.

As possibilidades de controle e redução da violência na sociedade contemporânea deve ter o auxílio da escola, não na perspectiva de lhe atribuir mais funções, mas o cumprimento das funções para as quais foi a escola criada, que não se limita somente a escolarização mas também a formação de homens e mulheres para pensar e viver em sociedade e exercer sua cidadania.

A violência tem estreita relação com os critérios de julgamento do agir humano, os princípios, a ética e a moral, a razão e ao conhecimento e sendo a escola o espaço da convivência e da pertinência, é nela que podemos construir novos e efetivos mecanismos éticos e morais.

Na escola fala-se de democracia, de inclusão, elegem-se diretores, constituem-se conselhos, mas ainda a veia autoritária persiste entre os profissionais ligados a educação, nos corredores, nas salas de aula, nos portões, nas ações repressivas tendo como parceiro a polícia chamada para resolver questões internas à escola o que expressa uma política de exclusão e de fortalecimento da cultura da violência.

A violência cresceu no país e tem sido alvo de debate da sociedade, com registro de que conflitos sociais atingem e se reproduzem na escola e outros são por ela produzidos. No entanto, desde a modernidade alguns autores insistem em afirmar que a “chave de uma mudança profunda da humanidade reside na sociedade e em sua relação com a escola” (ADORNO, 1995, p.103). Nessa perspectiva, é que dirigimos nosso olhar para os profissionais ligados à educação (professores, diretores, coordenadores pedagógicos e funcionários) com o objetivo de compreender o descompasso entre a função e o papel da escola, das motivações que os inibem de realizar ações concretas de denúncia à violência que sofre e exerce os alunos e de superação dos conflitos (indisciplina, violência e microviolência), que ocorrem no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1995.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 47, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000400002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000400002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 07 Ago 2008. doi: 10.1590/S0101-32621998000400002

ARENDDT, Hannah. **Sobre la violence**. Madri;Alianza.1ed.2006

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani; VINHA, Telma Pileggi. O processo de Resolução dos conflitos interpessoais na escola autocrática e democrática. **Revista IANE:Educação e Contemporaneidade**,Salvador, Bahia,n.1, nov.2003

CARVALHO, José Carlos Paula. Etnocentrismo, inconsciente imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. **Revista Interface – Comunicação, Saúde e educação**, 011,nº1,p181-185,1997

CHARLOT, Bernad.Prefácio In ABRAMOVAY, Miriam et al. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO Ministério da Educação, 2006, p.17- 25.

CUYABANO, Emília Darci de Souza. **De herdeiros e regenerados: ouvindo professores e diretores de escolas sobre a violência em Cuiabá**.2006. texto digitado



- DADOUN, Roger. **A violência: ensaio acerca do homo violens**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- GONCALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 115, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 Aug 2008. doi: 10.1590/S0100-15742002000100004
- GOMES, Icléia Rodrigues de Lima e; GOMES, Cleomar Ferreira. **Lixo e Comportamento: as raízes etológicas da violência**. 2006, Texto digitado.
- GUIMARÃES, Áurea. **A Dinâmica da Violência Escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **Violência totalitária: ensaio de antropologia política**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001
- LORENZ, Konrad. **A agressão: uma história natural do mal**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001
- MARION, Marian. Ajudando as crianças a controlar a raiva. **Anais do XIX Encontro Nacional de Professores do PROPRE: Construtivismo e formação de Professores**. Campinas, São Paulo, Laboratório de Psicologia Genética, Faculdade de Educação Unicamp, p.168, dez, 2002
- MULLER, Jean-Marie. **Não-violência na educação**. São Paulo: Palas Athena, 2006
- PERINE, Marcelo. **Filosofia e Violência: sentido e intenção da filosofia de Eric Weil**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- SILVIA, Aída Maria Monteiro. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores. **Série Idéias** n. 28. São Paulo: FDE, 1997
- SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ Pesq**, São Paulo, v. 27, n. 1, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 Aug 2008. doi: 10.1590/S1517-97022001000100007
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Violência na escola: medo nosso de cada dia**. 2006. texto digitado.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez & PORTO, Maria do Rosário S. **Imaginário do medo e cultura da violência na escola**. Niterói: intertexto, 2004.

TIELLET, Maria do Horto Salles. Violência da e contra a criança e o adolescente: como reage a comunidade escolar . **Caderno de Resumos do VIII Encontro de Pesquisa em educação da região centro – oeste; Ética, educação e democracia**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2006.